

Manchete

exclusivo

AIDSE A CRIANÇA



Pesquisa
nacional

**QUEM VENCE
AS ELEIÇÕES-85**

**PRISCILLA
PRESLEY**

**MINHA
VIDA COM
ELVIS**

Um livro sensacional
revela toda a
intimidade do
Rei do Rock

bloch

em cores

TITANIC

as primeiras fotos

VIAGEM AO BRASIL DO SÉCULO XV

2.000 km de História

A colonização do Brasil começou no litoral. O trecho de praias brasileiras, entre São Vicente, em São Paulo, e Salvador, na Bahia, evoca o período de descoberta e colonização da terra virgem — habitada, então, por mais de 3 milhões de indígenas. Centenas de pequenas ou grandes marcas registram a chegada e os primeiros passos do caravela (têmpera branca) de diversas nacionalidades: portuguesas, ou *maris*. Nesta imagem de forte história, antes reproduzida a certificação oficial de instalação da vila de São Vicente, a primeira do Brasil, por Martim Afonso de Souza, em 1532, MANCHETE percorreu o trecho que vai de São Vicente até Salvador, acompanhando o roteiro histórico da origem do Brasil.

Reportagem de Joaquim Maria • Fotos de Carlos Humberto TDC

SÉCULO



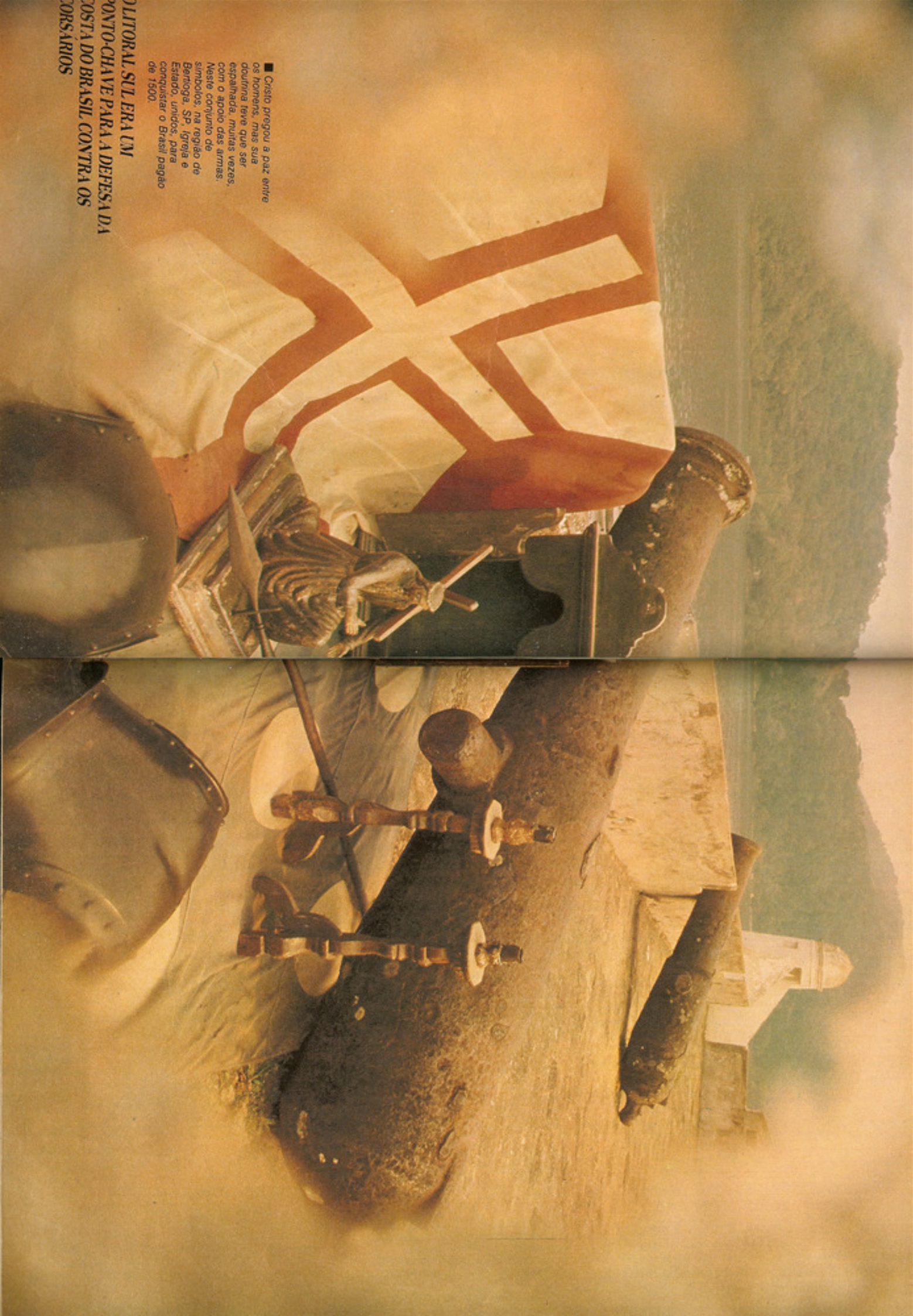
■ Cristo pregou a paz entre os homens, mas sua doutrina teve que ser espalhada, muitas vezes, com o apoio das armas. Neste conjunto de símbolos, na região de Bertoga, SP, Igreja e Estado, unidos, para conquistar o Brasil pagão de 1500.

OLITORAL SUL ERA UM

ONTO-CHAVE PARA A DEFESA DA

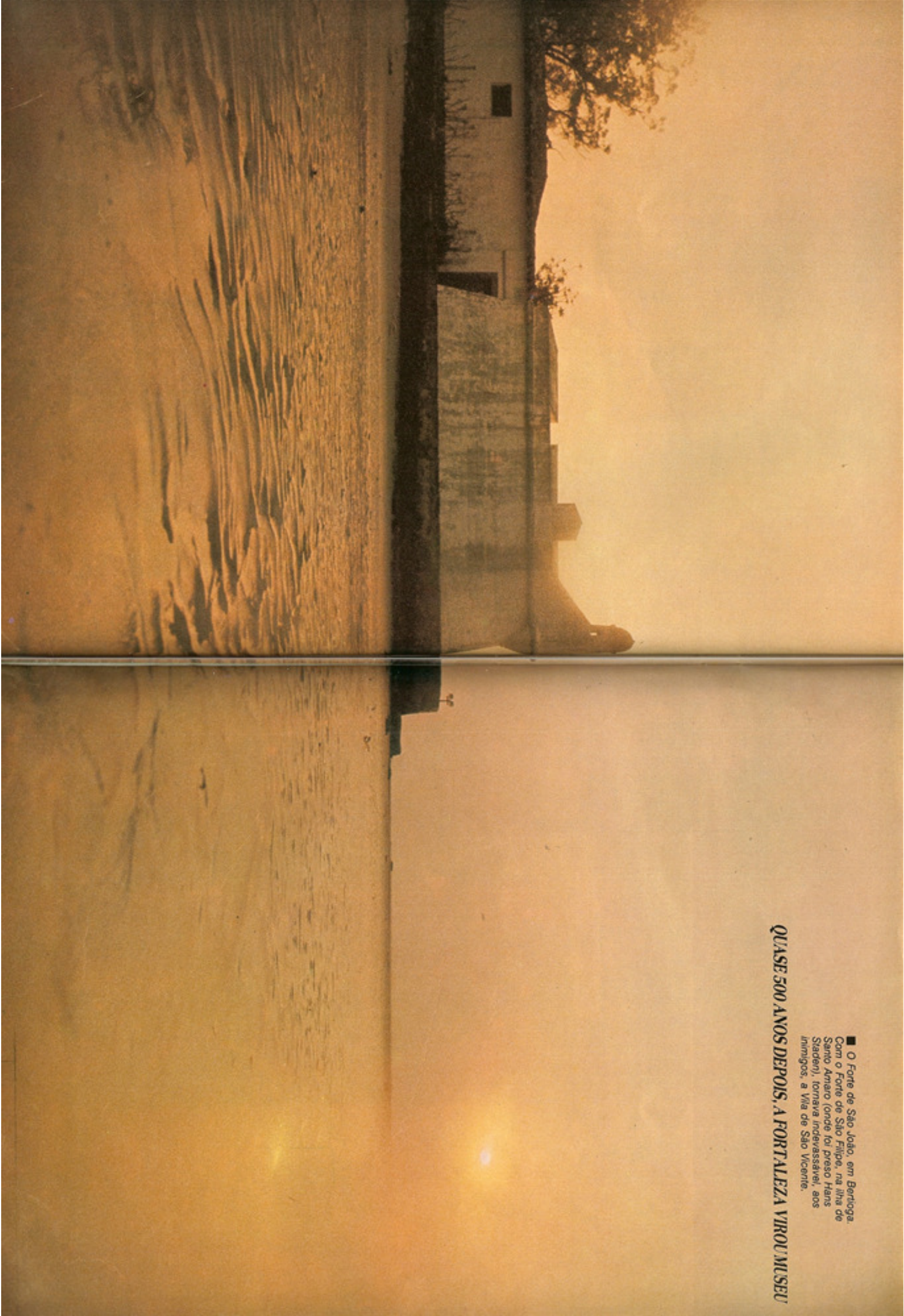
OSTA DO BRASIL CONTRA OS

CORSÁRIOS



■ O Forte de São João, em Bertoga.
Com o Forte de São Filipe, na ilha de
Santo Amaro (onde foi preso Hans
Staden), tornava invencível, aos
inimigos, a Vila de São Vicente.

QUASE 500 ANOS DEPOIS, A FORTALEZA VIROU MUSEU



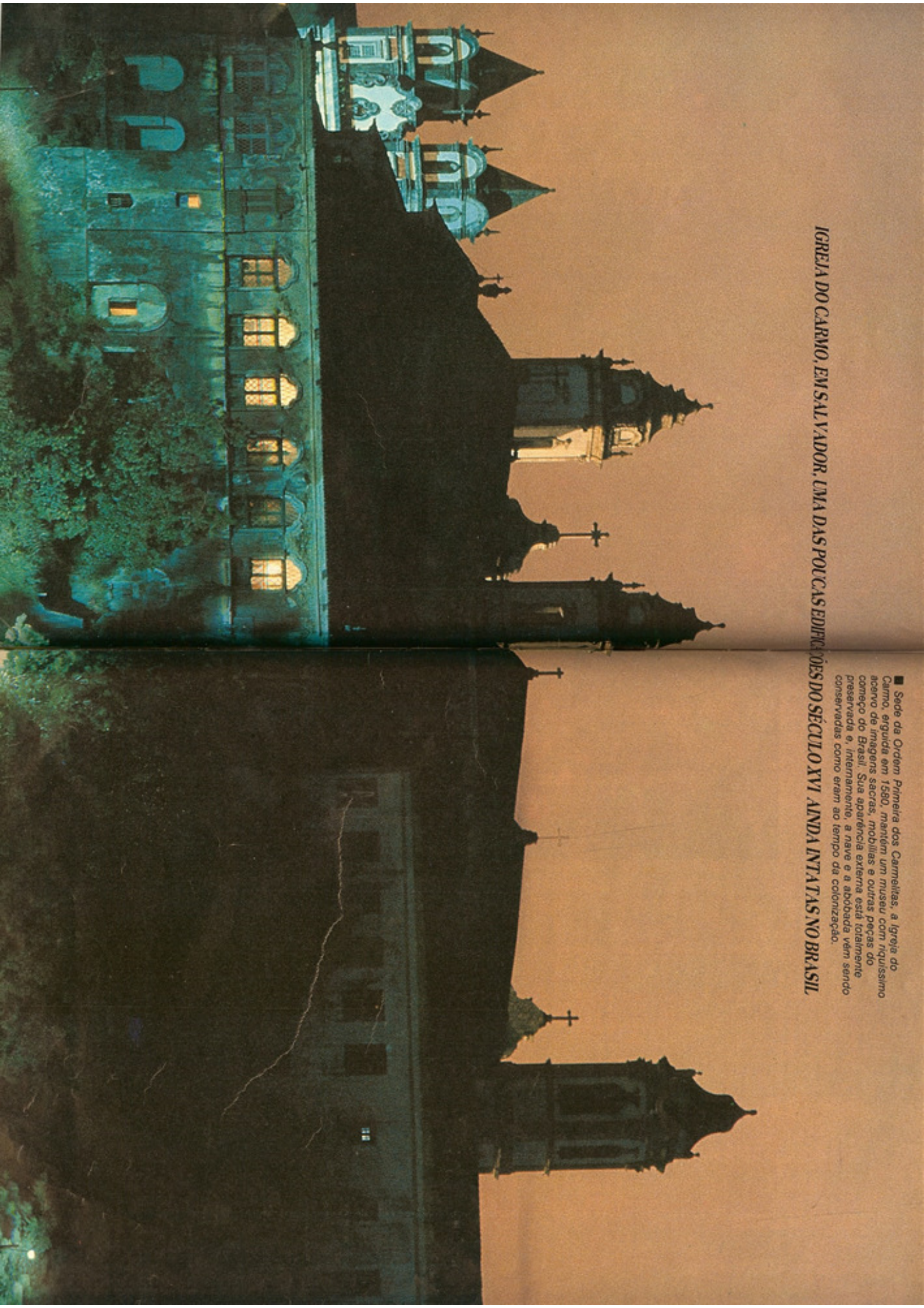
TERRA À VISTA A 100 KM, A PRIMEIRA VISÃO DO BRASIL.

■ Os índios são os mesmos paraxás que habitavam o sopé do monte Pascoai quando Cabral chegou ao Brasil, em 1500. A vida deles pouco mudou, mas a miscigenação é evidente.



IGREJA DO CARMO, EM SALVADOR, UMA DAS POUCAS EDIFICAÇÕES DO SÉCULO XVI AINDA INTATAS NO BRASIL.

■ Sede da Ordem Primeira dos Carmelitas, a Igreja do Carmo, erguida em 1560, mantém um museu com riquíssimo acervo de imagens sacras, mobilias e outras peças do começo do Brasil. Sua aparência externa está totalmente preservada e, internamente, a nave e a abóbada vêm sendo conservadas como eram ao tempo da colonização.



século XVI, em que foram consolidadas as conquistas portuguesas de além-mar, encontraram forças que combatiam os índios, com motivos pouco diferentes, mas com o argumento idêntico de o fazerem em nome da palavra de Deus. Era fundamental para essas duas forças — a Igreja e o Estado — disseminar a nova ideia de Jesus Cristo entre os pagãos do novo mundo. Mas era preciso também ampliar os mercados. A Igreja, que financiava em apoio moral e material as santas cruzadas, estava rica. E ricos estavam os Reinos de Portugal e Espanha. Navegantes de ambos os países haviam descoberto e se apossado de dezenas de novas terras, em nome da civilização ocidental e da lei cristã.

A discordância entre portugueses e espanhóis, no que se referia à divisão das terras descobertas, teve como juiz exatamente a Igreja, com o Tratado de Tordesilhas de 1494, que delimitava a América em duas partes. A parte leste pertenceria a Portugal e a parte oeste à Espanha. Mas o Brasil era um caso especial. Em 26 de janeiro de 1500, Vicente Yáñez Pinzon descobriu o Brasil, na altura da latitude 81/2° S, no cabo que hoje se chama Santo Agostinho, perto do rio Maranhão. Não pôde, entretanto, tomar posse da terra em nome de Castela, porque, enquanto ele voltava à Europa, Pedro Álvares Cabral vinha, aportava nas costas da Bahia e entrava de volta uma caravela, com a bela narrativa de Pero Vaz de Caminha descrevendo as terras brasileiras. Aliás, Cabral aportou num local a que denominou Porto Seguro, mas o povoado que ali surgiu chama-se hoje Santa Cruz de Cabralia. Porto Seguro, erradamente — segundo a firma Robert Scutley, in *História do Brasil*, volume I, capítulo I, página 29 —, foi o nome dado a outro lugar, quatro léguas ao sul, edificando-se ali uma cidade que ainda hoje tem essa designação.

A tese da intencionalidade da viagem de Cabral encontra muitos defensores entre os estudiosos de história. Muitos admitem que a vinda de Cabral ao Novo Mundo foi um simples ato de posse, como garantia dos direitos da coroa portuguesa, já pertencente configurados no Tratado de Tordesilhas. Historiadores de várias nacionalidades já mencionavam, antes de Cabral, a existência de homens brancos no Brasil. Apenas entre 1480 e 1500, estas notícias já constavam dos seguintes livros: *Revue Politique et Littéraire*, de João Cousin; *Histoire de La Géographie du Nouveau Monde* de Humboldt; *Hylcomjnylus* et *Vespucius*, de D.A. Vezac.

Entre o ato de posse e a posse efetiva, muitos anos se passaram. Por esse tempo, o Brasil, no pedaço que por direito religioso cabia a Portugal — presente de papa — era constituído de pequenas feitorias e habitado por depredados a quem tinha sido dado o direito de escolher entre a prisão e o desterro. Apenas em 1532 Martin Alonso de Souza criou a primeira vila do Brasil, São Vicente, pelos poderes que lhe eram conferidos pelo rei de Portugal, João III. Depois disso, Martin foi embora para as Índias Portuguesas, para ser primeiro capitão-mor e depois governador-geral, deixando aqui sua esposa, dona Ana Pimentel, como sua procuradora. Contudo, e aqui está a prova de

que as fofocas perduram tanto ou mais do que a história, que dona Ana, por singular merce, conheceu a um seu *mui* amigo, Brás Cubas (teriam sido ananizes?), um pedaço da ilha onde se localizava São Vicente, onde Cubas ergueu a cidade de Santos. Martin Alonso de Souza voltou das Índias em 1546, muito rico, e passou o resto da vida em Portugal — nessa época um país de apenas um milhão de habitantes — em companhia de dona Ana, que o fora encontrar. O Brasil, para onde Martin Alonso jamais voltou, enquanto isso, crescia.

Crescia tanto que era preciso defendê-lo dos corsários europeus que aqui aportavam para roubar carregamentos de pau-brasil, essências e especiarias. Para evitar o desmantelamento do Brasil (pensam, por acaso, que a preocupação dos ecologistas é coisa nova?), os portugueses criaram fortes e fortins para defenderem a costa das segundas invésidas dos piratas pagos pelos reis da Inglaterra, Espanha, França e Holanda. O pedego de terra mais importante para a defesa era uma baía, perfeita para a singradura de navios, ao lado da qual fora erguida a vila de São Vicente. Os mais antigos e importantes fortes foram o de São Filipe, na ilha de Santo Amaro (hoje Guarujá) e o de São João, bem em frente ao outro, no local chamado Bertinoga, e faziam impossível a qualquer navio belicoso aproximar-se de terra.

No Forte de São Filipe trabalhava um artilhado alemão, um certo Hans Staden, que chegara ao Brasil em 1553. Muitos historiadores desconheciam de que ele tinha sido um espírio. Chegara num navio espanhol, para começar, na frota de Diego de Sotomaior. Além disso, era bom demais como armador para não ter tido sucesso em sua própria terra, Homburg, na Alemanha. Outros, porém, consideram-no apenas um aventureiro que queria conhecer o mundo. Staden, aliás, já estivera no Brasil antes, por duas vezes. Nesta última, trabalhando como bombardeiro, foi apanhado, durante uma caçada, pelos guerreiros tupinambás do cacique Cunhambebe. Ficou cativo daqueles índios durante nove meses e meio, de janeiro a outubro de 1554.

agente inimigo, na opinião de Luiz Antônio Coláço, historiador paulistano que dirige o Museu João Ramalho, em Bertinoga. (Coláço, descendente direto de Pero Coláço, o nome capitão-mor de São Vicente, desenvolveu uma interessante teoria acerca do nome Bertinoga. Segundo ele, o nome viria de *buritoca*, que Staden teria grafado *brutoca*, e que significaria local dos burris. A versão

corrente é que o nome viria de *buritiqui-oca*, ou caso de macacos.) "Bertinoga foi o exílio de Santos e São Vicente até 1850. Por que Hans Staden não veio para a vila de São Vicente, em vez de ser praticamente condenado à morte em Bertinoga? Por isso é que penso que ele devia ter sido espírio dos franceses".

Esta é uma dúvida que, parece, vai permanecer. Porque muito pouco restou que possa ser utilizado como prova cabal dos acontecimentos do século XVI no Brasil. O próprio Staden, em sua narrativa, mostra-se pálido e moralista. Mas há que se compreender a posição do jovem alemão: o mundo religioso passava por uma reforma. O sábio Calvino dominava o pensamento reformista, e não se poderia permitir, num livro,

depoimentos que contrariassem o zelo moral de um protestante, especialmente de um alemão. Se Staden tivesse dado pista sobre possíveis filhos seus com índios tupinambás, teria permitido aos historiadores reconstituir a sua árvore genealógica e até mesmo identificar muitos de seus descendentes.



O BRASIL FOI COLONIZADO A CUSTAS DO SACRIFÍCIO DE SANTOS E HERÓIS, DESDE ENTÃO, SÓ CRESCER

■ O corpo de Anchieta está em Vitória (alto, esquerda), o de Estácio de Sá no Rio de Janeiro. O marco de posse instalado por Cabral (detalhe ao alto, direita) está encerrado em vidro, em Porto Seguro, Bahia. Ideia certa, geografia errada.



Mas apenas uma vez, em seu livro, Staden conta que foi oferecida a ele, como dádiva de condenado à morte, uma índia muito bonita. Mas ele garante que a recusou. Não parece verdadeiro, porém, que ele tenha mantido o celibato por tanto tempo, e com tantas índias à sua volta.

Aliás, o tema da sexualidade foi abordado por muitos historiadores. O próprio Pero Vaz de Caminha, em sua carta, não se conteve e assim descreveu as índias brasileiras: "...moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, a de nós muito bem olharmos, não se envergonhavam. E uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima, daquela tintura, e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhes tais feições envergonhara, por não terem as suas como a dela."

Pois, e apesar do peso moralista da religião católica, eram todos marinheiros, e meses e meses passavam no mar, distantes de

qualquer contato com o sexo feminino. Renato Castelo Branco, em seu livro *Planalto, o Romance de São Paulo*, conta acerca de um dos grandes tabus da época, o homossexualismo. Ele escreve: "Os tripulantes satisfaziam suas aflições em dois grumetes, irmãos gêmeos, Juan José e José Juan, jovens imberbes e bonitos, que pareciam querubins. Seus modos não traíam sua natureza sexual. Entretanto, mais de uma vez foram surpreendidos." Mas os historiadores da época não tocavam no assunto. A própria carta de Caminha só foi tornada pública em 1817.

O teólogo Jean de Lery esteve no Brasil, entre 1555 e 1558, e narrou tudo quanto viu num livro a que chamou *Viagem à Terra do Brasil*. Viera, a mando de Calvino, que recebera carta de Nicolas Durand de Villegaignon — Cavaleiro de Malta, vice-almirante da Bretanha e fundador de uma colônia francesa, a França Antártica, onde mais tarde seria construído o Rio de Janeiro. Sobre o Brasil, Lery escreveu: "O país era totalmente deserto e inculto. Não havia nem casas nem teto nem quaisquer acomodações

de campanha. Ao contrário, havia gente arisca e selvagem, sem nenhuma cortesia e humanidade, muito diferente de nós em seus costumes e instrução; sem religião, nem conhecimento da honestidade e da virtude, do justo e do injusto, a ponto de me vir à mente a idéia de termos caído entre animais com figura de homens... Mas havia principalmente a vizinhança dos portugueses, que não tendo conseguido conservar a sua possessão não podem admitir que nela estejamos e nos dedicam ódio mortal."

Depois dessa visita, Estácio de Sá conseguiu bater os franceses de Villegaignon, com a ajuda de portugueses e índios de São Vicente, de Bertioga e da tribo chefiada por Araribóia, cuja aldeia ficava no local onde hoje é a cidade de Vitória, no Espírito Santo. Batidos, os franceses voltaram ao seu país e desistiram de dominar a costa brasileira. Jean de Lery colocou toda a culpa da derrota no próprio Villegaignon: "...cabe a Villegaignon, exclusivamente, a culpa dos franceses não terem

se enraizado neste país. Ele se rebelou contra a religião reformada. Não fosse isto, cerca de dez mil franceses estariam, hoje (1553), instalados no Brasil. Assim, não só teríamos ali uma boa defesa contra os portugueses, em cujas mãos não cairia o forte, mas um bom pedaço destas terras pertenceria ao nosso rei e com razão se chamaria França Antártica." Foi o sobrinho de Villegaignon, Bois le Comte, no entanto, que perdeu a colônia para os portugueses.

Segundo o *Vocabulário de Língua Brasileira*, de Plínio Ayrosa, o aportuguesamento do nome francês Villegaignon deu variantes curiosas: Viragalhão, Vilagalhão, Vilagaleão. Desta última viria o nome *galeão*, que batiza o Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro.

Nesse período o Rio de Janeiro começava, São Paulo era um colégio apenas, Vitória uma aldeia de índios. A Bahia era a capital do Brasil do século XVI. Ali chegavam os governantes, o centro das decisões era ali. Os padres jesuítas primeiro chegaram à Bahia, em 1549, para depois se espalharem pelas costas do Brasil. Anchieta, por exemplo, chegou à Bahia, onde ordenou-se padre, antes de ir para São Vicente. Frei Eliseu, carmelita da Primeira Ordem dos Carmelitas, é hoje diretor do Museu da Igreja do Carmo, em Salvador, e desperta antiga pendência entre os jesuítas e carmelitas. "Os carmelitas chegaram ao Brasil em 1580 e sempre foram missionários, de tendências mais populares. Os jesuítas, ao contrário, tinham-se na conta de educadores mas suas características eram muito elitistas. Éramos muito mais aceitos pelo povo e pelos índios do que eles."

Uma declaração que parece não ter sido confirmada pela história. Afinal, seja por talento e carisma pessoal de Manoel da Nóbrega, Leonardo Nunes e José de Anchieta, seja porque os carmelitas só vieram para o Brasil bem mais tarde, foram os jesuítas que conseguiram o milagre da catequese e abriram caminho para a conquista do interior. Mas, em verdade, os jesuítas vieram ao Brasil com o fim expresso de acabar com a indiscriminada geração, pelas índias, de filhos de portugueses.

O beato José de Anchieta percorreu todo o trecho litorâneo que MANCHETE registra nesta matéria. Participou da fundação de São Paulo, de Piratininga, criou diversos colégios em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia. Ergueu igrejas. Aliás, foi em uma delas, a de Santo Antônio do Guaimbé, na ilha de Santo Amaro, hoje Guarujá, que se deu um dos milagres pelos quais João Paulo II o declarou beato, em 1980: voltava ele de uma missa que fora rezar em Bertioga, quando viu sua igreja toda iluminada, com dois anjos pairando acima dela. Outro de seus milagres é que teria sido visto em dois lugares ao mesmo tempo.

Anchieta está enterrado em Vitória, no Espírito Santo, e sua tumba é uma das poucas relíquias do século XVI. O Brasil desse tempo poderia ter muito mais a comprovar a sua memória como país. Infelizmente, não guardamos, como devíamos, os vestígios de nossos avós. Nós mesmos seremos história do Brasil, em trezentos anos. Que isto sirva de alerta. Um povo sem memória é um povo empobrecido.

O CAMINHO DAS NAUS EM 1500



■ Cabral e a rota que seguiu desde que avistou o monte Pascoal. Fruto do acaso ou da intenção, a viagem marca o início do Brasil.